

BARES DA NOITE

SEXO E VIOLÊNCIA

As movimentadas cenas dos bares noturnos da cidade contadas por quatro repórteres.
O roteiro completo está na página central.



MORREU A MULHER DE VERDADE

Amélia, a mulher de verdade, aprontou as malas. Morte, seqüestro ou embarque em um OVNI. Ninguém sabe o que aconteceu com ela. Mas o que está acontecendo com as mulheres de hoje? Saiba quem mandou a Amélia embora. Pg. 3.

TRÊS POR QUATRO

1980



DESENCONTRO

A Vida Por Um Fio

Evitar o suicídio vale a pena? Pergunte ao Centro de Valorização da Vida. pg. 2.

Estudantes e Faculdade

Uma revisão crítica das atividades estudantis na FABICO. A greve, os problemas no encaminhamento das reivindicações e os equívocos que têm contribuído para o fracasso de seus objetivos. Pg. 7.

EDITORIAL

Um editorial geralmente reflete a opinião da direção do jornal. Mas como este jornal não tem direção, no bom sentido, é claro, naquele de não saber para onde vai ou se veio, o negócio é não enfeitar. E depois porque editorial é que nem discurso antes de um churrasco. O pessoal fica louco para que o infeliz e inoportuno orador termine a sua verborreia, a fim de poder iniciar o mais importante. No caso de um jornal, as reportagens são o que realmente interessa. Naturalmente, assim como acontece em um churrasco, a leitura das páginas seguintes deste jornal pode acabar em uma desagradável indigestão. Só que esta vai ser com aviso prévio.

A verdade é que o Três por Quatro em todas as edições, desde o início, tem sido que nem enterro de pobre. Só quem toma conhecimento são os parentes e amigos, isto quando são avisados. Pois é. E o Três por Quatro tem uma participação ainda mais limitada. Só quem se dá conta que o jornal existe são os parentes e amigos da turma que faz o jornal do semestre. O resto da Faculdade só vê o Três por Quatro quando num desses deveres de estudante, em que é obrigado a ir até o Museu de Comunicação Social, encontra um exemplar perdido. E já é uma honra.

A presente edição (puxa, parece linguagem de editorial) tem a pretensão ou a doce ilusão de chamar aqueles que se atreveram a ler o Três por Quatro para um bate-boca. São convidados até mesmo os colegas que, por uma dessas compulsões inexplicáveis para o masoquismo, escolheram o curso de Jornalismo. É. Porque até hoje mesmo os colegas de curso não estão nem aí para um jornal que afinal de contas é de toda a Faculdade. Então o convite é para que se chegue trazendo inclusive o desafio, mas que com isto se possa começar um debate que até agora não existiu. E para quem reclamar da falta de coerência e de linha editorial depois de ler o jornal, a nossa original pergunta: É precisa?

SUICÍDIO

Em algumas regiões o suicídio é um dever, em outras é prática condenada e sua tentativa tem punição prevista em lei. Compete à sociedade criticar o suicídio ou sua tentativa?

DARCELI/ELIANE/MARCOS

Segundo os estóicos "se, porventura, ocorrer alguma desgraça para a qual não tenhamos remédio, o porto está próximo; podemos salvar-nos a nado, abandonando o corpo, como um barco que faz água. É o medo de morrer e não o desejo de viver que retém o louco amarrado ao corpo".

Há na vida numerosos acidentes que fazem sofrer mais do que a morte. Sêneca considera que a melhor dádiva que recebemos da natureza, e que nos tira todos os direitos de queixa, é a possibilidade de desaparecer quando bem quisermos. Criou a natureza um só meio para entrarmos na vida, mas diversos para sairmos. Podemos carecer de terras para viver, não faltam para morrer. Como diz BOIOCATUS em suas respostas aos romanos: "Por que te queixas do mundo? Não te convém? Vives infeliz? Culpa apenas tua covardia. Para morrer basta desejá-lo; a morte está em toda a parte; devemos-lhe a bondade dos deuses; podem tirar a vida a um homem: não lhe podem tirar a morte. Diante da ameaça de um castigo pior que a morte, por que não a morte? Mil caminhos abertos a ela conduzem.

HEGÉSIAS dizia que dependendo de nós as condições de nossa vida, devemos dispor igualmente das condições de nossa morte. Ao homem é dada a faculdade de agir como entender, desde que julgue a vida pior do que a morte. Ceder ao mal é sinal de fraqueza, mas entretê-lo é loucura.

Consideram os estóicos que o sábio trabalha de acordo com a natureza quando abandona a vida, ainda que se sinta feliz, desde que a deixe no momento oportuno, e é próprio do louco aferrar-se à existência quando ela é insuportável. Quanto mais grave a doença, maior a exigência de remédio enérgico. A morte pode ser considerada um remédio para todos os males, um porto de inteira segurança que não é de temer jamais e sim de procurar, não raro. Tudo consiste nisto: que o homem decida acabar, que corra à frente de seu fim ou o aguarde é uma opção sua, é sempre ele que está em causa.

Entre os que pensam seja lícito suicidar-se, um ponto é controvertido: quando as circunstâncias justificam que um homem se mate? Causas insignificantes podem, muitas vezes, motivar semelhante resolução; tendo tudo, na vida importância relativa, cabe estabelecer uma medida. Há disposições de espírito inteiramente desprovidos de sentido e lógica que levam não somente indivíduos, mas grandes grupos, até povos, à autodestruição. As coisas humanas estão sujeitas a tantas mudanças que se faz difícil julgar em que momento nos cumpre renunciar a qualquer esperança. PLÍNIO admite o suicídio nos casos de doenças dolorosas. Sêneca o admite nas doenças que comprometem as funções do espírito. Para MONTAIGNE somente uma dor insuportável ou a certeza de uma morte pior que o suicídio seriam motivos justificáveis para abandonar a vida.

A capacidade de suportar o mal varia de indivíduo para indivíduo. Não seria um direito pessoal, não passível de críticas ou intervenções, que cada pessoa pudesse estabelecer seus limites de suportabilidade e, com base nos mesmos, fizesse sua opção: vida ou morte.

O HOMEM MASSIFICADO

O que temos visto no decorrer da História nos mostra que toda a civilização não tem sido mais que um longo e penoso processo de alienação do homem. O preço dessa civilização tem sido a consciência humana e a liberdade do homem. Foi criada uma civilização e uma cultura que sacrificou o homem como ser livre e consciente. E inventaram a massificação, pela qual os homens se igualam como os grãos de milho numa espiga. Todos têm os mesmos pensamentos e reações.

O homem de nossa época é, algumas vezes, tremendamente só, insatisfeito, infeliz. O tempo tornou-se pequeno e acanhado diante da pressa dos acontecimentos. Com tantos meios de comunicação, o homem se percebe só. Está no meio de tantas pessoas e não conhece nenhuma delas pelo próprio nome. Ele não se interessa por ninguém, nem por si mesmo.

Sair da própria solidão não significa apenas procurar um amigo, procurar um homem ou uma mulher. Sair da solidão significa antes de tudo libertar-se do próprio egoísmo, do próprio mundo indezessável. Enquanto o homem não se abrir para a realidade do mundo dos outros, ele não conseguirá libertar-se da solidão.

SUICÍDIO

Não há muitas alternativas: ou o homem se empenha em destruir a solidão, o vazio e a ansiedade criando um mundo novo em sua volta, ou então a solidão, o vazio e a ansiedade levam-no a atitudes compensatórias cada vez mais sérias, que podem levá-lo ao suicídio. As estatísticas o demonstram: grande número de homens se matam em plena madrugada, quando o silêncio profundo os incomoda. Sentindo-se sós, desprotegidos, vazios, a ansiedade toma conta deles, conduzindo-os para a morte.

CVV

Em contraposição às teorias dos filósofos que acreditam caber ao homem determinar a sua morte e a realidade incontestável da alienação crescente do mesmo, surgem entidades que defendem a vida lutando para diminuir o índice de suicídio existente.

Conforme dados do IBGE, em 1975, somente aqui no Rio Grande do Sul, foram cometidos 620 suicídios. Em Porto Alegre, 29 homens e 15 mulheres suicidaram-se neste ano. No Brasil registraram-se 3.430 suicídios e mais 6.775 tentativas.

Diante desses índices, as entidades que procuram auxiliar o homem na busca de um novo caminho que leve a encontrar uma razão para continuar vivendo vêm conquistando uma posição de destaque, muito embora ajam simplesmente como paliativo para um problema de raízes profundas e que merece ser encarado mais criticamente.

O Centro de Valorização da Vida (CVV), é uma entidade filantrópica, que com a ajuda de plantonistas voluntários vem realizando um trabalho de valorização da vida. Há situações, dizem seus componentes, em que a pessoa se sente angustiada, deprimida, com necessidade de conversar com alguém. Mas, por diversas razões, não tem naquele momento com quem falar. Exatamente para resolver problemas deste tipo é que eles existem:

"Todos temos dentro de nós, em algum canto da mente, um impulso de autodestruição. Quando, em circunstâncias adversas, os obstáculos parecem intransponíveis, bóia de repente a idéia submersa, latente, que sempre existiu no fundo do lago: por que não acabar com tudo, desistir, desaparecer?"

O problema do suicídio em nossa sociedade é cercado de uma série de tabus e de frases feitas, sem consistência nenhuma. Por exemplo: "QUEM QUER SE MATAR NÃO AVISA". A realidade demonstra que o suicida em potencial dá muitos avisos. Na maioria das vezes, entretanto, tais avisos não são compreendidos por familiares, amigos, e a pessoa acaba se matando mesmo.

Objetivando o atendimento dessas pessoas, o CVV vem desenvolvendo um trabalho de socorro telefônico, onde oferece a amizade como forma de encorajamento para dar continuidade à vida.

A característica do centro é distribuir a amizade, já que os motivos que levam as pessoas a pensarem em sua autodestruição estão ligados, em sua esmagadora maioria, ao campo afetivo, como informa a coordenadora do posto local. A norma básica do atendimento, continua ela, resume-se numa frase: "SABER OUVIR OS PROBLEMAS DAS PESSOAS". "Contamos com plantonistas voluntários que se disponham a ouvir desabafos. Não nos propomos a apresentar soluções, mas estamos disponíveis para dar atendimento a quem necessita. Nosso trabalho tem por objetivo principal a preservação da vida e a recuperação do ser humano, devolvendo-lhe a motivação e a alegria."

Existindo há 17 anos, o CVV é hoje uma entidade com personalidade jurídica devidamente registrada e reconhecida de utilidade pública.

Aqui em Porto Alegre, o centro foi criado em 1971 e atende aproximadamente 30 telefonemas diários e uma média de 12 pessoas diretamente. Nestes 9 anos já atendeu 25 mil telefonemas, cinco mil cartas e prestou oito mil atendimentos pessoalmente, dos quais três mil foram de suicidas potenciais.

O atendimento é baseado no lema "É mais fácil viver quando se tem um amigo". Para ser um desses amigos voluntários, a plantonista passa por uma seleção prévia e por um aprendizado que envolve várias etapas. As inscrições para a seleção estão abertas permanentemente e não apresentam restrições quanto aos voluntários.

Atualmente, o centro encontra alguma dificuldade com relação à manutenção do atendimento, pois somente conta com a colaboração espontânea dos plantonistas e alguns associados. Mesmo assim a coordenadora mostra-se bastante otimista com relação à situação e menciona o fato de estarem sendo divulgadas nos meios de comunicação informações sobre o centro. Um conhecimento maior das atividades do CVV levará a população a participar e ajudar mais.

O Centro presta atendimento no horário das 12 às 22 horas pelo telefone 25-06-12 ou pessoalmente em sua sede, situada na Avenida Osvaldo Aranha, 1092, conj. 7.

TRES POR QUATRO

Ano 9 — nº 2
1980/2

Jornal iniciado de acordo com o parecer nº 631/69, elaborado pela comissão central de revisão de currículos do Conselho Federal de Educação e aprovado em reunião do mesmo Conselho, de 2 de setembro de 1969. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Fe-

deral do Rio Grande do Sul (JORNALISMO). Endereço: Rua Jacinto Gomes, 540 — Bairro Santana — Porto Alegre — RS. Responsabilidade editorial: Departamento de Comunicação da UFRGS. Edição, redação, reportagem, revisão, fotografia e diagramação:

Ángelo Renato Dias da Silva Lima, Francisco Ricardo Macedo Rüdiger, Ivo Renato D'Ávila França, João Pedro Alcântara Gil, José Luiz Dias da Silva Lima, Márcio Roberto Silveira, Marcos Francisco Reimann, Marcos Valério Campos de Oliveira, Mário Leopoldo de

Azevedo Rota, Mauro César Silveira, Paulo César Teixeira, Paulo Sérgio de Oliveira Weirich, Válder Brunner, Darceli Zambon, Eliane Goulart Sampaio, Jane Regina Damian, Maria Alice Bragança, Virgínia Rigatto Pegoraro.

colab.: J.F. Schuster

ADEUS, AMÉLIA

Reportagem de
Márcio Roberto Silveira
Ivo Renato D'Ávila França
Maria Alice Bragança

Amélia está de malas prontas. E pelo que se vê no dia-a-dia ela parte logo. Sozinha, a "mulher de verdade" não é mais valorizada pelos seus "dotes" de mãe, dona-de-casa, lavadeira, passadeira e cozinheira. O lar cristão ocidental foi "profanado" com a presença maciça de mulheres que não acreditam nessas mentiras. Só resta à Amélia resignadamente ir embora, depois de pensar e penar com a situação do seu macho que ficará desamparado. Mas quem são as "desnaturadas" que puseram a Amélia a correr? São aquelas que, entre outras inúmeras coisas, não acreditam que a subordinação da mulher seja o componente principal para a manutenção da estrutura familiar e social. E que, entre outras inúmeras coisas, não acreditam que a estrutura familiar e social deva ser mantida. E mais: são aquelas que não levaram a sério a educação que lhe impuseram para ser boa mãe, boa esposa e boa prenda doméstica. As mulheres que espantaram a Amélia são as que não mais se orgulham de ter "ninhadas" de filhos e depois receber os aplausos por ser "a portadora de vida". São também as mesmas que não reconhecem mais a família como sinônimo de unidade e perfeição e nunca

mais esperaram o dia de "dar os doces". Agora que a preocupação primeira não é mais "unir-se pelos sagrados laços do matrimônio" com o "homem de suas vidas" elas trabalham para si e não para o "outro". Os devotos do machismo só não perderam o controle porque contam com aliadas do outrora chamado "sexo frágil" que, após inflamados discursos em favor da liberdade, completam: "Assim mesmo eu gosto dele." E voltam assim ao seu "dono" com "coleira nova". Mas estas aliadas do machismo logo vão ter que acompanhar a Amélia em sua despedida, porque as mulheres que isolaram a "que achava bonito não ter o que comer" não vão parar de crescer. E pensam até em bagunçar a estrutura que espreme seres de todos os sexos, mas que tem uma atenção especial pela preservação do machismo para poder se segurar melhor. As mulheres de verdade de hoje trabalham, se organizam, discutem os seus problemas e têm tempo de sobra até para o que a Amélia jamais sentiu: prazer. E para o espanto da Amélia, elas conseguem isto com ou sem a presença do macho. Homossexualismo, masturbação, orgasmo quase não ruborizam ninguém. Para o desespero da



Amélia surgiu até um "monstro" chamado feminismo. No início se pensava que era um "clubinho" anti-homem frequentado só por "mal-amadas". Mas depois se viu que pode ser um movimento sério, humano, político. Feminismo não é sinônimo de "Greve de Sexo". Então foi o fim da Amélia, que tratou logo de fazer as malas. Não quer esperar para ver a mulher passar de coadjuvante, ou melhor, de figurante, a protagonista das ações do mundo em que vive.

Um Pouco de História

Em Porto Alegre, como em todo o país, o movimento feminista recém está dando seus primeiros passos. Este ano, pela primeira vez, foi comemorado, no Rio Grande do Sul, o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, com programação organizada pelos grupos feministas de Porto Alegre, com apoio de diversos setores. Embora somente nos últimos anos os movimentos feministas tenham ganhado expressão própria na conjuntura brasileira, a organização das mulheres no país data do início do século.

O primeiro jornal dirigido especialmente às mulheres, concludando-as a participarem na defesa dos trabalhadores e pela regulamentação do trabalho feminino, surgiu em 1905, o *Anima Viva*. A mulher brasileira lutou 12 anos para ter o direito ao voto, o que foi integrado definitivamente à Constituição brasileira em 1934. Essa conquista foi alcançada através de longa e sistemática luta levada a cabo pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino,

fundada em 1922 por Berta Lutz, que não foi a única a levantar esta bandeira. Outras associações especialmente de mulheres operárias, no início do século, fizeram do direito de voto para a mulher a sua palavra de ordem. No entanto, perseguidas e desarticuladas pela repressão, principalmente pelo descenso da luta operária, verificado a partir de 1919, não tiveram condições de sistematizar a luta pelo voto feminino no plano nacional, o que significou um entrave sério ao desenvolvimento da luta pela emancipação da mulher brasileira.

Os movimentos feministas brasileiros apresentam, hoje, particularidades em relação às correntes feministas americanas e europeias. Não há espaço para a chamada corrente sexista, que se limita a discutir problemas relativos à sexualidade, pois as condições sociais em que vive a maioria da população exige um posicionamento claro diante das condições gerais que afetam ao conjunto.

MML: Uma proposta de organização



As panelas fora do guarda-louça, a roupa da semana por lavar, a vassoura atrás da porta. O que aconteceu? O dinheiro é pouco e *ele arrumou um emprego para ela poder ajudar no orçamento do mês*; ou, vai ver, *aquela desmazelada, abandonou o coitadinho*. Qualquer integrante do movimento feminino se colocaria criticamente a estas duas conclusões(?). Para elas, o assunto é bem mais complexo: é político, é social, é econômico. Pois o MML, Movimento da Mulher Pela Libertação, atuando há mais de um ano em Porto Alegre, começa a conquistar espaço político partidário para um real trabalho organizado do feminismo gaúcho. Evitando o divisionismo partidário, o grupo propõe uma estrutura social onde a mulher seja um elemento de modificação sócio-político-econômica; ultrapassando, assim, os limites de qualquer pretensa ideologia em busca de poder. É a mulher se estruturando politicamente, é a mulher organizadamente intervindo em sindicatos - levando seus problemas como ser social e mulher, é a mulher discutindo e modificando a infra-estrutura de seu mercado de trabalho, é a mulher questionando e dividindo com o homem o seu importante papel de educadora, é a mulher promovendo uma nova conscientização de sua sexualidade.

Várias associações se podem fazer quando se pensa num grupo de mulheres reunidas. Chás (com cravo e canela), biscoitinhos com gosto de amor materno (monogâmico, é claro), e agulhas de crochê se agitando, em meio a uma conversa que tem o lazer como premissa básica. Pois é, embora se

saiba que o MML nada tenha contra estas atividades "caracteristicamente femininas" (sic), nada disso acontece. Divididas em dois grandes grupos, Grupos de Estudo e Grupos de Trabalho, as integrantes do MML se alternam em vários sub-grupos conforme interesses individuais ou ligação profissional. Os Grupos de Estudo de Sexualidade, Mulher e Violência, Mulher e Trabalho, Mulher Negra e Feminismo levam a debate, é claro de terminadas pelo social mais amplo, todos os elementos que possam propiciar uma maior conscientização da mulher. Esses Grupos de Estudo, segundo uma das coordenadoras do MML, surgiram em função da necessidade de informação e discussão dos aspectos sociais que envolvem a mulher. Trabalhos em Vilas, alguns via Fracab e outros diretamente via MML, participação no CBA (Comitê Brasileiro Pela Anistia), intervenção nos sindicatos, conscientização da mulher negra como ser duplamente reprimido, esclarecimentos de ordem sexual e atuações de repúdio à violência praticada em relação à mulher são alguns dos sub-grupos de trabalho do Movimento da Mulher Pela Libertação. Na verdade, essa estrutura ainda não alcançou sua melhor forma de funcionar. O sub-grupo Mulher Negra, por exemplo, se encontra desativado por falta de participantes que representem o problema do negro. Um dos aspectos que parece não ter sido amplamente discutido pelo grupo é Sexualidade, que atualmente se restringe a discussões e trabalhos sobre aborto e contraceptivos, na verdade prioritários(?) na atual situação sócio-econômica brasileira, e esquecem outros aspectos,

como por exemplo, homossexualismo. Talvez caiba às próprias lésbicas(?), como mulheres que são (não vá dizer que você ainda pensa que não são), exigirem seu lugar dentro do movimento feminista. Segundo uma das coordenadoras do grupo, "esses temas surgirão no bojo das discussões". Outro fator que impede um melhor funcionamento é a alta rotatividade constatada no grupo. As integrantes do MML reconhecem que o movimento tem características pequeno-burguesas (e por que não?). Existem, também, planos de criação de núcleos do MML em vilas, o que acontecerá a partir de uma maior maturidade do movimento. Não bastando todos esses problemas, as feministas ainda enfrentam os P's qualquer coisa (pmbs, pdss, ptbs, etc. . .), que aparecem sorridentes e amigos para trazerem seu apoio. Isto ficou claro no II Encontro da Mulher Paulista, realizado em São Paulo, no mês de março deste ano, onde os "ditos apoios" foram tão úteis que acabaram antecipando o final de trabalhos do Encontro. Baseando-se nos resultados que o movimento feminista vem obtendo, se pode concluir que os grupos minoritários(?) (negros, homossexuais, anormais em geral) ou se organizam rapidamente ou continuarão sendo reprimidos pela "bondade e tolerância" dos normais (sic). Dois fatos definitivos surgem claramente dos debates que envolvem o feminismo: a "Amélia" embarcou em algum OVNI qualquer e (felizmente) não volta mais, e o tradicional machão, sem necessitar ser acometido por nenhuma crise de sentimento de culpa, já pode até desmunhecar.

Bares: Roteiro do Se

JUVENTUDE TRANSVIADA

Ponto de encontro da juventude colorida de Porto Alegre, a Lancheria Lola está sujeita a freqüentes visitas pouco amistosas dos chamados homens da lei.

Ninfetas e garotões com roupas frangalhosas circulam pelo corredor a que se resume o bar, esbarrando nas mesas e falando um dialeto onde as vogais se prolongam insistentemente e nenhuma palavra tem mais do que oito letras.

Qualquer coisa é motivo para mudança de mesa ou repentinas idas ao banheiro. E muitos acreditam que algum estranho micróbio infesta o ar do Lola, pois a maioria dos seus freqüentadores apresenta seus olhos vermelhos e semi-cerrados.

Algumas palavras estranhas fazem parte deste exótico dialeto ininteligível para não iniciados. Ou será que alguém que não pertença a esta jovem confraria entende expressões como deco, sudaf, podincraun, só, bauhn carinhum?

Há quem garanta que, por baixo das mesas do Lola, mãos ágeis realizam um comércio pouco ortodoxo e condenado pelo Código Penal. Mas não só pirloucos e lunáticos freqüentam o Lola. Numa mesa no fundo do corredor você pode encontrar até intelectuais sempre dispostos a uma análise de conjuntura ou a um papo sobre o último filme de Costa-Gavras, desde que acompanhadas de uma dúzia de cervejas bem geladas. Ou até mesmo um simples bêbado descornado, procurando alguém que agüente ouvir lamúrias sobre *a cadela da minha mulher*.

Cesinha, um dos mais lídimos representantes da geração pão com cocô que frequenta o Lola, concedeu o seguinte depoimento exclusivo à nossa reportagem:

3x4: E daí, malandro?

C: Podincré.

3x4: Tu freqüentas o bar aqui porque entendes que ele, hoje, representa o que há de mais original a nível de bar nessa cidade, onde a burguesia vai tomando conta de todas as formas de lazer, inclusive a nível alcoólico?

C: Sudaf.

3x4: E o que tu pensas a respeito da transação aqui de dentro, onde as pessoas todas se curtem, a nível afetivo e até econômico, na medida em que as transas se estabelecem de acordo com o poder aquisitivo de cada um, embora a aparente igualdade entre todos?

C: Seguinte, tu não pode entrá nessa, que aí tu tá desvirtuando a transação, que é uma coisa de cabeça, saca, mais das pinta chegá e te dá um toque e tu já tá sabendo o que a pinta quéte dizê, falô?

Mas quando o Lola já está forrado de gente, os magros não precisam se apavorar. É só andar alguns metros, que o João pode ter algumas mesas vazias. O clima é quase o mesmo do Lola, apesar do João também receber grande parte da esquadria estudantil das nossas universidades e colégios de segundo grau.

Por isso, ninguém pode se surpreender se for obrigado a comprar um *Em Tempo*, um *Trabalho*, um *Hora do Povo* ou qualquer outro jomaleco de esquerda. O leitor também não pode ficar chocado se alguém sentar na sua mesa, como quem não quer nada, e lhe oferecer um livro mimeografado de poesias de sua lavra.

Além disso, o João tem o que se pode até chamar de uma opção de lazer: num salão nos fundos do bar, quatro mesas de sinuca divertem vagabundos e malandros, que sempre procuram engambelar otários para descolar uma perna ou até mesmo uma quina.

Entretanto, outros tipos de pessoas freqüentam o João, quando a lua ainda não saiu. Estranhos vampiros, esses velhos moradores da Colônia Hebraica do Bonfim, que só de dia dão suas rasteiras nas empoeiradas garrafas de trago que se amontoam nas prateleiras do boteco.

Velhos aposentados e vovôs que saíram para comprar leite conversam animadamente sobre loteria esportiva, as agruras da Segunda Guerra Mundial, o custo de vida e, inevitável, a questão palestina e a sobrevivência do estado de Israel. Numa mesa do fundo, um avô-coruja mostra a fotografia do neto que está na terra, trabalhando num kibutz e realizando um sonho de quase todo o adolescente judeu que mora no Bonfim.

Logo, porém, a tarde cai e pouco a pouco os freqüentadores vão mudando. Novas caras, roupas diferentes. Das seis às oito o bar recebe um outro tipo de clientes: são os que vão tomar uma na saída do emprego, mas que vão embora em seguida, porque a mulher tá esperando em casa e não dá pra chegar tarde. Daí em diante, mais uma vez, o bar é dos pirloucos, dos vagabundos e dos políticos estudantis.

O HISTÓRICO

Mesmo tendo sido transformado em tema de cartão postal, o Chalé merece respeito. Vão com calma nessa história de o que há algum tempo era novo, jovem, hoje é antigo e precisamos todos rejuvenescer. Essa cidade não pode desprezar bares onde folhas de paineira caem no teu chope.

Luiz Fernando Veríssimo diz que, das 6 às 8, tudo acontece. Mário Quintana chega atrasado ao cinema, um marido se descobre traído, uma mulher descobre os prazeres da traição. E é nesse breve período que o Chalé revive, cresce e morre. Às 6 começam a chegar as turnas: a do jornal, a do banco, a da Câmara, esta dividida entre a do Bagé e a do Klassman.

Em poucos minutos, pilhas de bolachas se multiplicam sobre (e sob) as mesas, vários bolinhos de bacalhau já foram deglutidos e pelo menos 18 pivetes já vieram te pedir dinheiro e foram expulsos pelos garçons. Sem falar nas dezenas de passarinhos que já sujaram a tua cabeça. Mas aí já são 7 horas.

O fantasma do anoitecer começa a rondar o chalé, exalando

um estranho odor de decadência. Mais 10 chopos e não se pensa no assunto, pois a esta altura aquela turma de guris que estava na mesa perto da saída já saiu. Sem pagar a conta, naturalmente, e com o garçon (seria o Souza?) no seu encalço. Mas tudo bem: os 598 argentinos que se espalham ruidosamente pelo bar intercedem pelos chicos, aos gritos de *que rico, que hermoso*.

E pediram mais uma empada, pela qual pagarão a insignificante quantia de 345 cruzeiros, fora os 10%, naturalmente. Mas aí está, mesmo, anoitecendo, e nada mais resta a fazer no Chalé. Alguns velhos freqüentadores, renitentes ou talvez meio esclerosados (no bom sentido, é claro) ainda teimam em ficar até às 9 e meia, antes de trocar de bar ou pegar uma sessão das 10.

É inútil o esforço. Os passarinhos já foram dormir, até os pivetes, escorraçados pelos elementos suíños que circulam pela praça XV, trocaram de ponto. Portanto, é hora de dar seguimento ao roteiro que, modestamente, traçamos nessas mal-traçadas.

As muitas maneiras de se conhecer uma cidade, na verdade, por seus bares. É nestas excursões etílicas que se encontra os tipos tantes da fauna e da flora alegre-portense e que, de conhecidos. Nos bares mais sebosos, ou nos bares de surpresas inumeráveis, incomensuráveis, ininteligíveis, como o Chalé; outros dançaram ao som das moedas, ficaram por aí, para desmentir os que afirmam na. Para comprovar esta tese, passamos a palavra à balho de pesquisa (onde pintaram copos: copos pó e duas ou três cervejas), realizou um trabalho sobre o assunto, que tanta polêmica e celeuma vem

MARCOS VALÉRIO CAMPOS DE O
JOSÉ LUIZ DIAS DA SILVA LIMA
MAURO CÉSAR SILVEIRA
ANGELO RENATO DIAS DA SILVA



Sexo, Ação e Violência

A CLASSE OPERÁRIA VAI AO BAR

Quem entra no *Silva e os Vagalumes Limitada* tem três certezas: vai comer um carreteiro saboroso, beber uma cerveja gelada e participar de uma arenga. As emoções já foram mais fortes: os famigerados *falcões*, da Delegacia de Furtos e Roubos, resolviam fazer festa e sobrava bala pra todo mundo. Hoje, as arengas são todas passionais. É o bicha da esquina que encontrou seu *operário* com uma prostituta, ou, então, a disputa de dois motoristas por mais uma mulher da vida.

Identificar o *Silva*, na Assis Brasil, é tarefa fácil. A casa de pintura listrada, ao lado do parque industrial da Wallig, está sempre com sua janela aberta. A porta sem cor, no meio das tábuas verde e amarelas, fica aberta num horário muito especial: das seis da tarde às oito da manhã. Tarefa difícil seria traçar um perfil de seus mais assíduos frequentadores. Há lugar pra todos na arca de nó verde-amarela — não confundir com nacionalismo ou patriotismo — que faz a cabeça dos moradores da zona norte: lá dentro estão sentados operários, motoristas de táxi, auxiliares de escritório, *office-boys*, mecânicos, bichas com ou sem grana, gigolôs e prostitutas.

Um bar de alienados? Nada disso. Um bar noturno repleto de subversivos. As subversões da ordem são constantes. A mais famosa ocorreu na realização das últimas eleições que o Poder Central presenteou — como quem dá uma balinha para suas crianças — a seus *comandados*. No *Silva*, todos se indignaram com um presente tão humilhante. O bolo maior — eleições diretas em todos os níveis — continuava

na geladeira mais uma vez. E todos, no bar, não deixaram de protestar: beberam bastante álcool num dia proibido, o 15 de novembro. Pra iludir a sempre incômoda fiscalização foi fácil: as garrafinhas de guaraná, com um pouco mais de espuma, andaram de mão em mão e os copos com uma coca-cola de cheiro forte completou um quadro que deixou os *homens da lei* de cara.

O cabeleireiro Hoffmeister também faz suas visitinhas periódicas ao *Silva*. Sua presença não perturba a *corêia*, já acostumada com sua figura excessivamente delicada, invariavelmente acompanhada de garotos assustados com a efervescência do ambiente. Hoffmeister se deu mal apenas no dia em que resolveu levar seu amigo Roberto Gigante para conhecer o gostoso carreteiro regado a arengas passionais. A turma não simpatizou com uma bicha tão floreada assim e voltou a subverter a ordem: esperou que o Gigante entrasse no banheiro para trancafiá-lo. Ficou lá muitas horas.

Atualmente, não há o que temer no *Silva*. Se você não for o Roberto Gigante, vai se dar bem. Pelo menos, tem garantia de uma brahma gelada e barata. De resto, o esquema é total: tem uma prostituta para tirar o atraso (se esse for o seu caso), uma bicha que pode lhe pagar uma ceva e até mesmo uma amizade sem compromisso com os motoras da cidade. Dica, só uma: ponha sua ficha depressa no aparelhinho de música mecânica para evitar que um desastrado frequentador sinta vontade de ouvir *A Ciganinha*, a música mais ouvida nos ônibus da Grande Porto Alegre.

Ascensão e queda de certas avenidas

Muitos bêbados devem ter cansado de fazer, todos os dias, o mesmo programa. Esta parece a única maneira de explicar que bares como os da Protásio e os da Esquina Maldita, onde eram tomadas homéricas bebedeiras, já não tenham o mesmo elenco de frequentadores e que muitos tenham até fechado devido à pequena clientela. Mas ninguém deixa de beber por causa disto, e, se eles abandonaram estes bares, é porque foram descobrir coisa melhor.

O simples fato de ter de pagar mais caro para tomar chopes e alexanders levou uma boa parte dos assíduos protasienses a optar por botecos mais autênticos que tivessem à venda uma cerveja ou uma pinga, que fazem mais facilmente a cabeça. A primeira opção surgiu ali mesmo na Protásio, na então Lancheria Api. Era sentar, tomar uma cerveja bem gelada e assistir, vez que outra, a um joguinho direto. Mas o seu proprietário, com a visão um tanto atrasada, resolveu igualar a lancheria aos outros bares transformando-a no melequento, barulhento e insuportável Gregus.

Outra parcela preferiu sofisticar a programação aderindo ao Programa Alimentar Burguês para grudar a bunda numa

cadeira, comer muita pizza e ficar conversando besteiras. É por isto que, hoje, já não se pode ver aquela mesma agitação de fins-de-semana coloridos (a cores) por muita roda de samba e muito quebra-pau. Embora existissem muitas razões para não se arrumar um treme, pois a *oitava* é logo ali, nunca faltou uma mesa rolando.

E o Copa 70, que sempre teve uma Faixa bem gelada, acabou fechando. E ali por perto só sobraram o ambiente pesado do Marius ou o lotado Alaska, sempre com os mesmos papos xaropes dos seus eternos frequentadores. Resta ainda o Estudantil, oferecendo uma Serramalte quente e ruim. Mesmo assim ainda se pode enxergar por ali algumas sobras do Movimento Estudantil, voltadas a qualquer discussão descabida e estéril.

A peregrinação pela Osvaldo Aranha em busca de outro bar ficou como solução mais viável, e aliada ao hábito de frequentar o Bristol acabou levando os mais inteligentes para o Lola, o João ou, quando falta lugar, para o infestado Leblon.

PECADOS QUASE MORTAES

Alguma ação, pouca violência, muita cantoria. O repertório, claro, não dispensa *O Bêbado e a Equilibrista*, *Com a Perna no Mundo*, e outros novos sucessos com que os frequentadores conseqüentes de bar substituem os ortodoxos *Trem das Onze*, *Ai Barracão* e outros muito menos votados.

Em ocasiões muito especiais (uma até agora), Marcelo Villas-Boas afasta as mesas e o bar se transforma em gafieira. Mas logo tudo volta ao normal. Casais enamorados nas mesas do fundo, com as luzes sobre as mesas devidamente apagadas. Nas demais mesas, as indefectíveis acusações de canalhice a editores e chefes-de-reportagem, sem falar nas

eternas referências pouco elogiosas a um certo Dr. Breno e a um tal de seu Maurício.

E cerejinhas, muitas cerejinhas com conhaque, o drinque da moda. E acompanhadas por uma bandeja com salgadinhos, coisa fina, embora pouco útil para combater a fome da madrugada. Mas o frequentador do Pecados Mortaes não está muito preocupado com isto. Ele quer é circular entre as mesas, pois afinal o fundamental é mesmo amar, diz João Gilberto, e confirmam, às vezes, as peccadetes. Mas não convém arriscar. Ainda é melhor ir de casa prevenido.

...a verdade, se resumem a uma só: andar
...tipos mais escabrosos, dignos represen-
...de outra maneira, talvez nunca fossem
...sempre estão à disposição do freguês
...ininteligíveis. Alguns viraram até cartão postal,
...da moedas, como o Copa 70 e muitos, mutissi-
...que afirmam que esta cidade não tem vida notur-
...a palavra à nossa reportagem, que, num estafante tra-
...copos: copos de maconha, litros e litros de guaraná em
...um completo levantamento a respeito deste palpitan-
...leuna vem levantando.

OS DE OLIVEIRA
A LIMA
A SILVA LIMA



FALTAM CRECHES NAS VILAS

Onde deixar os filhos quando se dirigem ao trabalho é um dos sérios problemas enfrentados pelos pais pertencentes às classes de baixa renda.

VIRGÍNIA PEGORARO
MÁRIO ROTA

Nos últimos anos, com a entrada cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, um problema assumiu maior proporção: onde deixar os filhos pequenos em segurança quando os pais se dirigem aos seus locais de trabalho, onde permanecem, muitas vezes, durante o dia inteiro? Nas classes mais abastadas, o problema apresenta menor gravidade. Dispondo de maiores recursos financeiros, os pais geralmente contratam uma pessoa para cuidar da criança, ou então, a colocam em uma das muitas creches que dispõem de todos os recursos imagináveis.

Essas crianças têm a seu dispor assistentes sociais, psicólogas e professores especializados. Têm aulas de balé, judô, de iniciação artística e até inglês e francês. Uma dessas creches ou, como elas preferem ser chamadas, escolas maternas, é o Maternal e Jardim de Infância Trenzinho Alegre, situado no sofisticado bairro

de Moinhos de Vento. As crianças que ali são deixadas pelos pais vão ter, obviamente, todos os recursos para desenvolver ao máximo seu potencial criador. Mas para cada criança que ali for matriculada os pais devem pagar mensalmente a assustadora quantia de Cr\$ 2.500,00.

E a classe operária, a imensa maioria da população, o que pode fazer, qual a solução para tão grave problema? Afinal, com o arrocho salarial instalado nos últimos anos, tornou-se cada vez mais um imperativo o minguado salário das mulheres das famílias mais pobres, que trabalham para sobreviver e não como sucede com muitas mulheres da classe média, para "minha realização profissional".

Para essas famílias carentes, no entanto, o problema é praticamente incontornável. Muitas vezes, os pais saem para trabalhar e são obrigados a trancar as crianças em casa. No mês de março deste ano, na Vila dos Sargentos, no bairro Serraria, isso acabou sendo a causa de uma tragédia. O pai e a mãe de cinco crianças, dois humildes vendedores ambulantes, saíram para trabalhar e foram obrigados a deixar seus cinco filhos menores sozinhos no pobre

barraco onde moravam.

Quando retornaram à casa, a trágica notícia: uma vela havia incendiado o barraco e as cinco crianças morreram queimadas. Infelizmente, não foi um caso isolado: outros semelhantes acontecem diariamente. E, pelas estatísticas, parece que muito dificilmente o problema será contornado nos próximos anos, pois a deficiência do número de creches é enorme e tão cedo não poderá ser sanada.

Até 1977, os menores de zero a seis anos eram atendidos nas chamadas Casas de Criança, em número de três. Em 1978, a FEBEM, que já mantinha as três instituições anteriores, resolveu criar a Creche Casa da Criança, no bairro Menino Deus, para atendimento de seus funcionários. Todas essas casas, hoje, comportam em média 30 a 50 crianças. O único dinheiro despendido pelos pais é uma taxa de Cr\$ 50,00. Essas creches fornecem às crianças alimentação e atendimento sanitário, além de jogos e recreações.

Todas essas instituições são utilizadas principalmente por empregadas domésticas, que não têm onde deixar os filhos, e operários em geral. Há pouco tempo, a idéia inicial de que a Casa da Criança abrigas-

se somente filhos de funcionário da FEBEM foi abandonada e, atualmente, os benefícios foram estendidos às operárias das fábricas que mantêm convênios com a FEBEM, mediante o pagamento de Cr\$ 100,00 mensais por criança. Essa medida foi adotada devido às pressões que algumas indústrias vinham sofrendo por parte dos fiscais do Ministério do Trabalho e da Secretaria do Trabalho e Ação Social.

Acontece que a legislação determina que toda empresa que possua mais de 30 funcionárias é obrigada a manter uma creche própria. Mas, na verdade, essa é apenas mais uma lei e raras firmas a cumprem. Muitas vezes, mesmo quando obedecem à legislação, o atendimento é tão insatisfatório que não atende às mínimas exigências. O principal problema é, obviamente, insuficiência de vagas, mas existem outros como distância dos locais de trabalho, condução, etc.

Na tentativa de resolver a deficiência, já aconteceram em várias vilas populares mobilização dos próprios moradores no sentido de criar creches. Mas as dificuldades encontradas, principalmente a falta de recursos, são obstáculos prati-

camente intransponíveis.

Em convênio com a Secretaria da Saúde e a Legião Brasileira de Assistência, a FABEM implantou durante o ano passado o chamado projeto Colméia ou Lares Vicinais. Através desse plano, começaram a ser instaladas nas vilas populares mini-creches. Cada casa composta aproximadamente cinco ou seis crianças que recebem da FEBEM uma ajuda de Cr\$ 700,00 por mês, além de um rancho. Foram também contratadas nutricionistas, para orientar em a alimentação das crianças, e babás. Segundo a jornalista Mirna Proença, da Assessoria de Imprensa da FEBEM, até o momento os resultados do projeto são amplamente satisfatórios. As crianças apresentam ótimo desenvolvimento psico-social e os pais estão colaborando com o plano. Mas a jornalista não tenta esconder que é apenas uma medida que está longe de apresentar uma solução total para o grave problema:

— É apenas a solução de uma pequena parcela de um grande problema. Muita coisa ainda está para ser feita, isso nós sabemos, é claro. Nosso plano é, aos poucos, aumentar em grande escala o número desses lares vicinais.

Ponto de convergência da arte

Criado para abrigar as diversas manifestações artísticas e culturais de nossa gente, o Centro Municipal de Cultura é um local que vale a pena ser frequentado em Porto Alegre.

JOÃO PEDRO GIL
PAULO SÉRGIO DE O.
WEIRICH

Situado na confluência de duas grandes artérias urbanas, Ipiranga e Érico Veríssimo, está o Centro Municipal de Cultura, inaugurado em novembro de 1978. Trata-se de uma obra cujo investimento inicial previsto para 27 milhões de cruzeiros, ascendeu ao final a 45 milhões, tendo sido construído com recursos próprios da municipalidade e do BNH-Projeto Renascença, destinando-se a recuperar uma área alagadiça no coração de Porto Alegre e que agora se encontra urbanizada. Dentro deste complexo situou-se o Centro Municipal de Cultura, com uma área construída de 3.925m², num terreno de 6.000m².

O Centro Municipal de Cultura dispõe de cinco órgãos para o desempenho de suas atividades: um teatro, uma sala de atividades múltiplas, uma biblioteca, um atelier livre e uma galeria de exposições.

Quando da implantação do Projeto Renascença, uma das primeiras preocupações foi a

necessidade da criação de um teatro que se inserisse e adequasse às necessidades do movimento teatral, levando sempre em conta a especificidade do público da capital. Criou-se o Teatro Renascença, dividido em duas seções, iguais na sua dimensão: palco italiano com treliças e balcões no urdimento, que permitem a troca de cenário em cena aberta. Nos bastidores existem quatro camarins projetados para abrigarem oito a dez atores, cada um. A plateia possui dois corredores laterais, com capacidade para 300 espectadores.

O Auditório Álvaro Moreira, também chamado de atividades múltiplas, se destina às mais variadas manifestações do espírito humano, desde conferências até experimentos em artes plásticas e cênicas. Com capacidade para atender cem pessoas sentadas, o auditório transforma-se numa sala para projeções cinematográficas e audiovisuais, pois sua estrutura permite esta versatilidade funcional, já que dispõe de recursos mecânicos e infra-estrutura adequados.

Outro órgão localizado no Centro Municipal de Cultura é a Biblioteca Pública, com um acervo atual de 10.000 obras. Seu atendimento destina-se principalmente a estudantes universitários, contan-



do para isso com três seções: a circulante, que funciona com o sistema de empréstimo de livros; a de periódicos, com jornais da capital e revistas em geral; e, a unidade infantil, em fase de implantação, com o objetivo de educar, desde cedo, a criança para o hábito da leitura.

O Atelier Livre pretende ser uma escola de artes, sem o comportamento de uma escola oficial. Abriga em suas dependências 800 alunos, distribuídos nos diversos cursos, como cerâmica, pintura, escultura, desenho, xilógravura, litografia e gravura em metal. Por último, a Galeria de Exposições, que realiza mostras

periódicas de artes gráficas e esculturas, além de servir, muitas vezes, para exposição de painéis e cartazes.

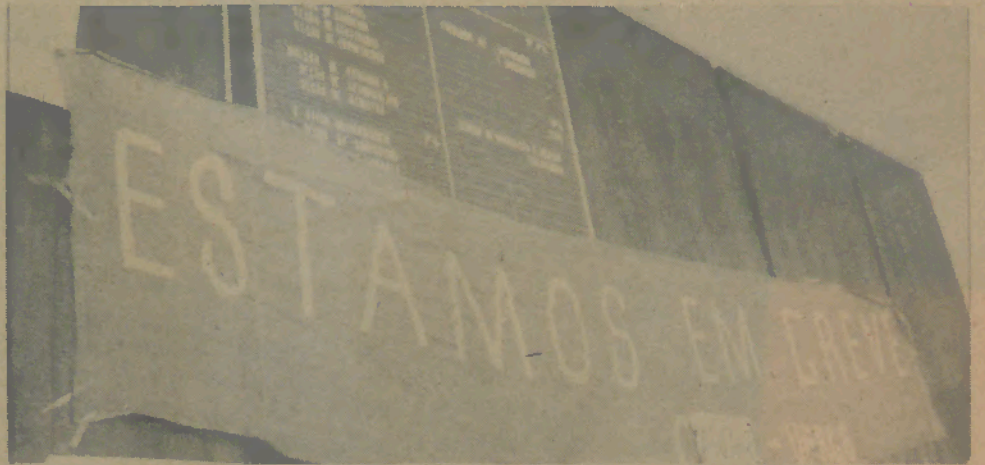
Dispondo de todos esses recursos, o Centro Municipal de Cultura pretende ser um espaço cultural urbano, aberto à população, sem considerações de origem social, de qualificação ou de diplomas. Neste sentido, tenciona ser uma "universidade aberta", sem currículos, exames e notas, dispensando certificados e frequência, quebrando o monopólio do "saber acadêmico" e se preocupando com a educação permanente. Não pretende ser o único, nem objetiva esgotar a diversifica-

da atividade cultural de Porto Alegre. Não se propõe a atender plenamente aos constantes anseios no campo das artes e da cultura, nem se imagina definitivo em suas intenções, mas permanentemente aberto, na evolução criadora de uma idéia em marcha.

O Centro Municipal de Cultura quer ser um local de convergência e de encontro, ponto de partida e irradiação das artes e da cultura, ponto de encontro de artistas, intelectuais e estudiosos. Um Centro onde se cultiva o homem, mas também onde se promove o contato vivo, sistemático e crítico com o patrimônio cultural da humanidade.

DESENCONTRO: FACULDADE E ESTUDANTES

Após um período de apatia, os estudantes do curso de Comunicação Social da UFRGS retomaram a luta por melhores condições de ensino. No entanto, a exemplo das vezes anteriores, os resultados das reivindicações jamais aparecem. Multiplicam-se as reuniões e atividades enquanto o movimento tende cada vez mais ao esvaziamento. A Faculdade continua aquilo que todos conhecem: um prédio fantasma. Neste artigo de Francisco Ricardo Rüdiger, uma revisão crítica das atividades estudantis na FABICO tenta localizar alguns dos equívocos que têm contribuído para o fracasso de seus objetivos. Além disso, tenta focar os problemas das reivindicações por um outro lado — justamente aquele que os estudantes parecem ignorar: de que maneira é encarado o processo de formação do indivíduo levado a efeito pela Universidade. Algumas considerações sobre esse ponto poderão esclarecer muitas das derrotas que vem sofrendo o movimento estudantil.



10 de setembro de 1980. Primeiro dia da greve nacional dos estudantes decretada pela UNE. Na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, dos 300 alunos matriculados no curso de Comunicação Social, cerca de 40 assistiram à palestra dos cinco jornalistas convidados para debater os problemas da Faculdade.

PROPOSTAS

1980 foi um ano em que os estudantes resolveram se mobilizar para que fossem adotadas medidas saneadoras com relação ao curso de Comunicação.

Unidos em torno de alguns pontos comuns, os estudantes ergueram a bandeira de uma melhor formação profissional, que garantisse, ao mesmo tempo, condições de ingresso no reduzido mercado de trabalho e condições de funcionamento e manutenção da faculdade.

Sucederam-se as reuniões, discussões em aula (nem tantas), abaixo-assinados e requerimentos até a realização de uma passeata à Reitoria e entrega ao Reitor Homero Jobim de um documento em que eram denunciadas as insuficiências da Faculdade e uma série de reivindicações. Com a promessa de providências para o segundo semestre letivo, após um período de 15 dias de prazo concedido pelos estudantes para a definição de uma resposta, a situação voltou à normalidade, ou seja, total apatia, que aparentemente deveria se fortificar com as férias do meio do ano.

Entretanto, as coisas não correram como habitualmente. Um grupo restrito de estudantes continuou mobilizado para a cobrança da promessa dada pela Reitoria. Formaram-se comissões de trabalho em torno das diversas reivindicações no sentido de estudar qual a melhor maneira de seu atendimento. Com o reinício das aulas, e a constatação de que nada havia mudado na faculdade, percebeu-se mais uma vez que todos os esforços haviam sido inúteis. Toda a mobilização de 1980 resultara em nada. A greve nacional por melhores condições de ensino organizada pela UNE parece ter dado novo ânimo aos estudantes que, apesar da reduzida frequência à escola para a discussão de formas de luta, resolveram prolongar a greve até que medidas concretas com relação à Faculdade sejam tomadas.

Nesse breve relato, uma coisa pode ser verificada: os estudantes correm sempre na frente de suas atividades. Ou seja, apesar das reuniões, das ações e até mesmo de uma passeata que teve contato direto com o Reitor, nada foi conseguido. Uma forma de explicar esse fato? Há quase que unanimidade em dizer que tudo esbarra na burocracia e no problema — fundamental — que é a falta de verbas da Universidade. Não há como negar a verdade dessas circunstâncias, entretanto, será que tudo resume-se nesses aspectos? Ou existe um lado que é, usando Freud, recalca-

OS ESTUDANTES AGEM(?)

Existe mobilização e existe trabalho (ainda que por um grupo restrito), mas paralelamente, parece, ocorrer um exagerado desvio no que tange ao direcionamento das atividades estudantis. Elas parecem ignorar o fato de que uma faculdade não é constituída apenas por suas instalações materiais e seus recursos humanos. A faculdade é, no mínimo 50%, feita pelo corpo docente e, nessa parte, o movimento estudantil parece não ver qualquer problema — com exceção, talvez, da pequena participação em suas programações.

Há muita gente apostando no sucesso da greve, mas será que alguma coisa vai mudar enquanto os estudantes não tomarem consciência de que eles são responsáveis por 50% do que chamam melhores condições de ensino? Durante as mobilizações, qual estudante lembra o fato de que nas raras aulas em que existem condições materiais e um bom professor permanecem cerca de 20% dos alunos após os primeiros 50 minutos, de um total de três horas-aula? Quem cita o caso das aulas de Ética da Informação, onde existe um bom professor, que não exige presença, que aceita o livre trânsito de idéias, mas que em geral constitui uma disciplina com um grande número de ausências, uma disciplina em que um único livro é indicado para a leitura durante todo semestre — mas ninguém tem a indignação de lê-lo?

Esses fatos, e muitos outros, como discussões, a nível da sala de aula, a respeito dos conteúdos ministrados; pressões diretas para com os professores ruins, com a tomada da direção das aulas; permanência ao longo de toda a carga horária da disciplina são recalçados pelo caráter paternalista que muitos estudantes dão às suas reivindicações. Não que todas elas não sejam necessárias; elas são fundamentais, mas apenas com isso, podemos estar certos, o nível de ensino não vai melhorar.

ILUSÕES

Os estudantes entram na faculdade com a ambição de encontrar um paraíso, pensando que o simples ato de sentar num banco universitário lhes abre a porta do saber. Na sua maioria donos de um individualismo pequeno-burguês, pretendem aprender por osmose, por fins diversos que não o da formação intelectual crítica, que lhes possibilita uma conscientização transformadora para com a realidade em que vivem. Entram na faculdade tomando-a como um centro de formação profissional acima de tudo, como um meio de obter uma melhor remuneração no

futuro, como meio de exibir um certo status nos círculos sociais de que participa. Estão ali como privilegiados — na verdade sustentados pelas maiorias miseráveis do país —, mas não lhes passa pela cabeça aproveitar esse privilégio e colocá-lo, por seu intermédio, quando da atuação profissional, a serviço dessas maiorias. Com seu individualismo egoísta, que, ressalte-se, não pode de maneira alguma ser generalizado, querem formar a si mesmos para si próprios. Reivindicam, muitas vezes, na medida em que isso os caracterize como estudantes universitários e que possa servir de trampolim para seus próprios objetivos. Muitos dizem-se de esquerda, quando na verdade são pequenos-burgueses rebeldes, que transpõem sua rebeldia contra o país, contra a disciplina, contra o ideal comum para um falsa truculência contra o sistema.

Enfim, mostram-se de esquerda, mas na verdade reproduzem a ordem burguesa em todos os setores da Universidade. Seu individualismo não lhes deixa ver que se é inevitável que a Universidade, como criação da burguesia, não deixe de reproduzir a ordem burguesa, é mais certo que a universidade é burguesa somente na medida em que é privilégio daqueles oriundos dessa classe, e que enquanto não ocorrem transformações sociais mais radicais, é fundamental a mobilização de todos os recursos dessa universidade, por parte daqueles que se dizem conscientizados, em favor das camadas populares.

É certo que as faculdades no sistema capitalista são um manancial de recursos humanos para o mercado de trabalho; entretanto, aqueles que tem acesso às chaves da cultura devem ficar alertas para o fato de que as faculdades devem ser muito mais que isso. Elas devem possibilitar uma formação crítica para com os aspectos da realidade que se ocupam, devem dar condições para que o indivíduo, atuando seja lá onde estiver, fora ou dentro da área em que se especializou, possa ser um agente de transformação social, possa sempre lutar pela instalação de uma melhor sociedade, justa e igualitária.

Por tudo isso, posicionamo-nos contrários ao não-crescimento do mundo de universidades, faculdades e cursos, à redução de vagas, ao fechamento de cursos que não atendam às necessidades do mercado de trabalho e todas as outras medidas desse gênero. As faculdades devem multiplicar-se sob os auspícios do Estado, ou seja, de forma gratuita; devem ser democratizadas, ou seja, a partir do ensino de primeiro grau, todos devem ter iguais chances de acesso até ela; devem ser continuamente equipadas, recicladas e aperfeiçoadas, tornando-se centro de estudo e pesquisa, que

promovem um desenvolvimento integral da sociedade e da ciência; e, finalmente, devem abandonar a preocupação de formar não para o mercado de trabalho — sob cuja dependência acaba tornando-se um mecanismo-servo em determinadas áreas, como a Comunicação e Direito —, mas para a formação conscientizadora dos indivíduos que por ela se interessarem; não como trampolim, mas como meio de realização.

As formas de luta devem abranger outros aspectos da esfera estudantil. Assim como o homem deve afirmar a dignidade dessa condição no cotidiano, como categoria social o indivíduo deve localizar a luta na sua área respectiva. O operário, talvez mais que nos sindicatos, tem de empenhar-se na luta no próprio local de trabalho. O estudante, certamente mais que no cotidiano ou nas suas agremiações, deve, enquanto categoria estudante, concentrar suas lutas no seu devido lugar: a sala de aula. São as discussões naquele nível, as contribuições próprias de cada um à oposição aos conteúdos e representantes do sistema que ali se apresentam fundamentais, ou melhor, nucleares como trabalho de base, para as ações maiores como um processo de reivindicações ou uma greve.

DEFINIÇÕES

Nessa revisão, não foi nossa intenção desacreditar o movimento estudantil da FABICO. Pretendemos apontar alguns pontos que, sem deixar de reafirmar a validade de todas as outras formas de luta, contribuem para o fracasso das reivindicações. Há muita gente que, sem perceber, tem como projeto para a Faculdade um curso técnico — e, para isto, parece-me que uma faculdade não é necessária. Os apêndices técnicos são indispensáveis somente na medida em que sem eles as disciplinas de caráter técnico, ou melhor, prático, não podem existir e, um ponto que é esquecido, é com eles que poderão ser desenvolvidas atividades laboratoriais, de caráter experimental, enfim, que possam conjugar aqueles pontos propostos, discutidos e questionados nas disciplinas teóricas, fundamentais para uma consciência crítica e, portanto, criadora. A Faculdade não pode dissociar a teoria da praxis.

Aposto na greve, mas importa reconhecer que o movimento está muito longe da união. Os estudantes, na dependência de seu modo de agir, podem estar jogando, mais uma vez, com cartas marcadas, com os esquivocos de sempre: uma colcha de individualidade tecida por objetivos diversos. Resta a esperança que se forme um ideal comum bem concreto para que se evite a decepção.

A origem da Umbanda, Fé e Malandragem

Adalberto Pernambuco, presidente da União de Umbanda do Rio Grande do Sul, recebe a reportagem de *Três Por Quatro* com um jeito metade sério (de quem conhece sabedorias ocultas), metade de malandragem (de quem se acostumou a lidar com as mais diversas platéias). A União Estadual de Umbanda funciona em dois conjuntos do Edifício Chaves, na Rua da Praia: uma sala é o escritório e a outra é um auditório para sessões. Pernambuco é sempre chamado de doutor (é economista) e a humildade que demonstra é certamente também metade de mistério e metade de malandragem.

Aos domingos, apresenta um programa na rádio Jornal do Comércio, espaço de uma hora comprado na emissão-

ra. Uma de suas últimas palestras foi na PUC, com grande sucesso. A União de Umbanda tem ainda um jornal impresso na Zero Hora, onde se fala superficialmente de tudo, desde a crise da moralidade no século vinte até notas sociais da comunidade umbandista. A umbanda ganha novos terrenos: não é somente o lado mágico na vida cotidiana da população, vai se afirmando na conversa que exige o tal do conhecimento intelectual. Pernambuco reconhece que "o meio umbandista é composto por elementos que não têm muita cultura", por isso, "somente agora começa a se difundir a sabedoria que está na raiz de nossa religião".



A umbanda é a mistura de, pelo menos, cinco religiões, reunindo a religiosidade de quatro raças: o índio, o negro, o branco e o amarelo. Assim, é natural que não exista nenhuma *bíblia* umbandista porque seria impossível conciliar num papel coisas tão diferentes como a palavra de Jesus Cristo, a teoria de mediunidade do espiritismo e a dança primitiva de índios e negros.

Na verdade, a umbanda se fez na prática. Reuniu símbolos mágicos de religiões que teoricamente seriam inconciliáveis num mesmo caldeirão e se transformou numa nova religião organizada com ampla aceitação no país.

Para esboçar uma história da umbanda, Adalberto Pernambuco não vai recorrer portanto a nenhuma *bíblia* umbandista. Ele vai buscar o lado oculto que toda religião possui. Pernambuco explica: "Qualquer religião tem uma parte pública, exotérica, difundida entre os crentes, e outra parte oculta, esotérica, que fica guardada exclusivamente entre os sacerdotes. O hindu queimar a viúva junto com o marido é esotérico, o judeu matar uma ave para cada filho que nasce é esotérico, o sacramento do pão e do vinho, da mesma forma, é esotérico. O problema não é aceitar ou não esse lado esotérico de cada religião, o problema é descobrir o fundamento disso. Por que acontece?"

O estudo desse *por que acontece* seria o ocultismo, que existe em cada religião e fica guardado entre os sacerdotes. Pernambuco bota a Igreja Católica na roda: "A Missa católica, por exemplo, é um ato mágico, embora os católicos não saibam e os padres não digam". O lado público da Igreja seria a palavra do padre, a homilia, a *Bíblia*. O lado oculto seria o próprio ritual consagrado na Missa. Mais adiante Pernambuco vai se deter no lado oculto da Igreja Católica. Antes ele se volta para a umbanda e para um esboço da história das religiões no ponto de vista do ocultismo,

"OS NEGROS JÁ DOMINARAM O MUNDO"

Depois da raça vermelha, a segunda civilização a dominar o mundo foi a dos negros. Pernambuco conta que a raça negra deixou três marcas importantes na história: a balística (arte de colocação de pedras sem cimento), a fundição de metais e a primeira escrita. Sobre esta última, Pernambuco entra em detalhes: "Quem escrevia entre os africanos eram os sacerdotes, e escreviam voltados para o pólo sul, do oriente para o ocidente. Daí que nasceram escritas que se conservam até hoje, como o árabe e o hebreu, da direita para a esquerda. Quando veio o domínio da raça branca, os sacerdotes - em contraposição aos negros - inventaram de criar uma escrita voltada para o pólo norte, da esquerda para a direita".

Pernambuco diz ainda que a religião dos judeus teve origem fundamentalmente na religião africana. A *ênese* de Moisés é praticamente calcada sobre o africanismo, o próprio Moisés casou com a filha de um sacerdote negro e com ele arrematou sua iniciação religiosa. "Isso está na *Bíblia*, inclusive a oposição dos irmãos de Moisés por ele ter casado com uma negra. Por outro lado, do mesmo modo, a matança de animais no dia do perdão, a matança de galos e galinhas brancas: o animal é colocado de cabeça para baixo e só depois do sangue escorrer todo é que a carne é preparada para o judeu comer". Pernambuco faz o paralelo com o africano, que considera o corpo humano composto de três partes: o espírito, o corpo e a alma, que é o próprio sangue. Da mesma forma, o africano não come nenhum animal com alma, deixando sempre o sangue escorrer antes do bicho ser devorado. Mas a principal semelhança entre a religião africana e a judaica, segundo Pernambuco, é que a *ênese* de Moisés diz "Não adorará nenhum deus feito à tua imagem".

DEUS NÃO É UM VELHINHO DE BARBAS

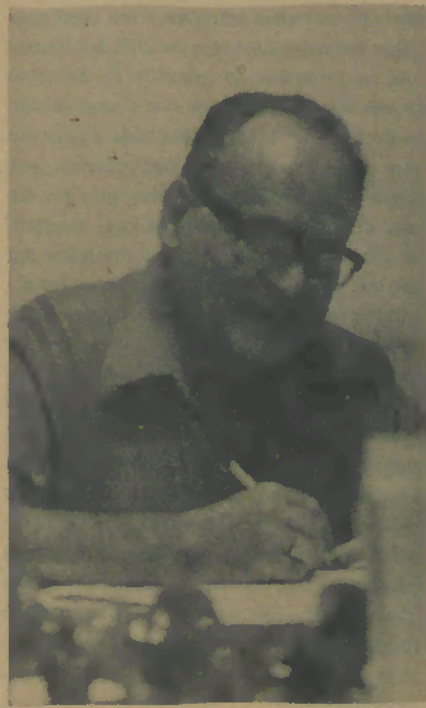
O negro primitivo nunca teve uma definição de Deus. Não se sabe o que é Deus, pode-se dizer, que é uma força que se manifesta na natureza. O africano teria Olorum, mas esse deus ele não invoca, não reza, não chama em nenhuma festa. "Invoca os orixás, que são representações de deus, mas deus propriamente, Olorum, não invoca de maneira nenhuma". Se esse deus não tem uma imagem fixa, apenas as forças da natureza podem representá-lo. É assim que cada orixá é representado por uma pedra e não, como os santos católicos, uma imagem feita à semelhança dos homens.

A umbanda começa a existir quando os negros são trazidos para o Brasil, escravos. Aqui eles encontram um exército de salvação para sua alma profana; os jesuítas. Foram os seguidores de Ignácio de Loyola os encarregados de im-

plantar a religião católica no Brasil, e para isso tinham um lema, tal como os escoteiros: *cultura e disciplina*. "Não poderiam permitir de maneira nenhuma que o escravo tivesse uma religião diferente da deles", assinala Pernambuco.

Se os jesuítas tinham cultura e disciplina de sobra, os negros tinham esperteza: "o africano, mostrando que estava catequisado, mas mostrando ao mesmo tempo que não se deixava dominar, adaptou cada santo católico a um orixá e construiu seu próprio altar. O negro se ajoelhava em frente a esse altar com a imagem do santo católico. O que representava o orixá, sempre uma pedra, ele enterrava no chão. Aí vem a sabedoria do negro. O orixá maior é Oxalá, a força da procriação, o que comanda todos os outros, que foi representar Jesus Cristo. O orixá da justiça era Xangô, que ficou sendo São Jerônimo. O orixá da luta foi sincretizado com São Jorge, e assim por diante".

Quando o escravo chegava na frente do altar, em vez de cumprimentar o santo católico, se deitava no chão e batia com a cabeça, porque na verdade ele estava cumprimentando a representação do orixá, a pedra que estava en-



terrada abaixo da imagem do santo. Daí vem o costume, que se conserva até hoje, tanto na umbanda como na quimbanda, de se bater a cabeça contra o chão.

Com o tempo, outra religião dos brancos foi servida como ingrediente no caldeirão umbandista: o espiritismo, que, segundo Pernambuco, "trouxo para nós o que era o mediunismo e como ele poderia ser feito". Ainda entram na mesma panela a religião do índio, com o culto ao sol e à lua, e mais recentemente o orientalismo que também está sendo comido sem maiores indigestões.



O ESPÍRITO SANTO É A MÃE

Pernambuco se entusiasma e faz um discurso: "toda religião tem um fundamento, e se você mergulhar nesse fundamento vai ver que ele sai de um ponto de origem só, não adianta. A própria Igreja Católica também tem seu fundamento, quer os padres queiram ou não. Veja que a Igreja Católica é a única religião onde não existe o triângulo eterno de todas as outras, pai, mãe e filho. Se você for para a origem do catolicismo, a língua que Jesus falava, aramaico, vai encontrar Pai, Filho e A Espírito Santo, não O Espírito Santo, porque no aramaico Santo é feminino. A Espírito Santo era a mãe, formando o triângulo eterno que é o símbolo de toda religião ocultista. A Igreja Católica não admite isso, apesar de que dentro dela existe muito de ocultismo, muita coisa que se procura evitar que o leigo tenha conhecimento. Na realidade, a Igreja Católica é uma religião idêntica a todas as outras, em valor e em tudo. Quer exemplos? Por que o báculo do Papa tem em cima dois peixes? Por que Cristo pregava à beira de rios? Por que multiplicou pão e peixe? Por que os cristãos no começo se identificavam desenhando peixes na praia, para que um soubesse que o outro era cristão? Por que esse símbolo? Cristo veio no signo de Peixes, depois de Moisés que era de Touro. Com Jesus começa outro milênio, uma nova era. O vulgo precisa acreditar nos dogmas da Igreja, mas não pode saber disso. Não seria mais fácil se eles dessem uma explicação razoável para isso?"

De fato, as religiões são todas iguais, pelo menos num ponto: todas elas se tornaram estruturas rígidas que perderam o contato com a religiosidade primitiva do homem, feita de simplicidade e comunhão com a natureza. Isso não existe em nenhuma das religiões organizadas e quase sempre o transe, o dom de *sair fora de si* para se libertar, está envolvido em preconceitos culturais. Pernambuco conta um caso de um advogado que fazia questão de dizer que qualquer transe era grossura e ignorância e, para tirar a prova, se submeteu a uma sessão de umbanda. Não é que baixou um caboclo de índio e o homem dançou a noite toda pedindo água?